

**DIÁLOGOS, LEITURA E ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA
LEITURA DE CHAPEUZINHO VERMELHO E CHAPEUZINHO AMARELO COM
CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

**DIALOGUES, READING AND WRITING: AN EXPERIENCE FROM READING
LITTLE RED RIDING HOOD AND LITTLE YELLOW RIDING HOOD WITH
CHILDREN IN THE PROCESS OF LITERACY**

Juliana Sampaio da Silva¹ (UFES)

RESUMO

Esse texto é proveniente da análise e discussões realizadas em uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que teve por objetivo, analisar diferentes versões da história de Chapeuzinho Vermelho em correlação com a obra Chapeuzinho Amarelo a partir dos diálogos construídos com crianças em processo de alfabetização, matriculadas no 1º ano do ensino fundamental. Realizamos um estudo de abordagem qualitativa, por meio de observação participante, onde propusemos à turma, a realização de atividades a partir da leitura das obras. Organizamos três momentos de atividades, porém, para essa ocasião, no presente texto, realizaremos um recorte no terceiro momento, onde pedimos aos alunos que produzissem textos a partir da leitura de Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, desse modo, e a partir dos textos produzidos pelas crianças que se dará nossa discussão no presente texto. Utilizamos como instrumento de produção de dados, além das atividades, registros por meio de fotografia, gravação, além de registro feito em caderno de campo. Teoricamente procuramos contribuição nas noções de Enunciado e Diálogo a partir de Mikhail Bakhtin e seu ciclo, também buscamos suporte nos estudos de Beth Brait sobre esse autor e seu ciclo. O estudo nos possibilitou perceber formas de trabalhar a produção de textos, a partir da leitura de obras literárias.

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Amarelo. Produção de textos.

ABSTRACT

This text comes from the analysis and discussions carried out in a course conclusion research, which aimed to analyze different versions of the story of Little Red Riding Hood in correlation with the literary work Little Yellow Riding Hood from the dialogues. The study was built with children in the process of literacy, enrolled in the 1st year of elementary school. This research was conducted with a qualitative approach, through participant observation, where it was proposed to the class, carry out activities based on the reading of the works. It was organized three moments of activities, however, for this occasion, in this text, it was highlighted the third moment, where we asked students to produce texts based on the reading of Little Red Riding Hood and Little Yellow Riding Hood, thus, our discussion will be conducted from the texts produced by the children. In addition to the activities, it was used as instruments for data production, photography register, recordings and notes of the fieldwork notebook. Theoretically we looked for contribution in the notions of the Statement and Dialogue from Mikhail Bakhtin and his cycle, we also pursued support in the studies of Beth Brait about this author and his cycle. The study allowed us to perceive ways of working with the production of texts, from reading literary works.

Keywords Little Red Riding Hood. Little yellow Riding Hood. Text production.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (CE-UFES), aluna do curso de mestrado na mesma instituição, no programa de pós-graduação em educação, na linha de pesquisa educação e Línguas. (PPGE-UFES).

1 INTRODUÇÃO

O homem sempre buscou conhecer sua história, e uma das formas de conhecer e entender o passado é através dos registros. Sendo assim, em todas as épocas o ser humano procurou relatar e registrar situações e fatos relacionados à sua própria existência, acontecimentos, episódios que se passam em um dado período histórico. Hoje, por exemplo, tudo o que sabemos da história do mundo e dos homens é produto dessa ação humana de contar, registrar fatos ao longo do tempo. “Contar é poesia de vida. Ouvir nutre o ser humano de porções de si mesmo, diluídas em sua ancestralidade” (SILVA; BORTOLIN, 2011, p. 24).

Esse processo histórico ocorre também com a literatura, que acompanha a história do mundo e dos homens. Os contos de fadas são um exemplo disso, pois são narrativas de origem antiga, histórias registradas há muito tempo que foram passadas de geração para geração perpetuando valores, história e modos de vida de uma determinada época.

O ser humano não vive apenas da realidade, em todas as épocas ele usou das histórias, do maravilhoso para explicar, ensinar, perpetuar, tradições, conversar com seus conflitos internos e principalmente para se divertir, pois as histórias folclóricas tradicionais mantêm-se ao longo da existência, uma vez que abordam de uma forma simbólica a realidade humana e seus predicamentos. (SILVA; BORTOLIN, 2011, p. 26).

Os contos de fadas possuem uma peculiaridade, pois essas narrativas se caracterizam pela presença de elementos fantásticos em seu enredo, que servem para explicar acontecimentos maravilhosos, que se desenvolvem ao longo das histórias.

O conto de fadas se enquadra dentro do gênero de literatura maravilhosa, ou seja, obras em que aspectos sobrenaturais, estranhos ou inexplicáveis em nossa realidade são apresentados como naturais e comuns, sem uma explicação plausível para sua existência senão seu lugar como texto literário. (TODOROV, 1992 Apud ROCHA, 2010, p. 3).

Os contos de fadas possuem origem antiga, segundo Juvino (2010), acredita-se que fazem parte da cultura Celta e, apesar de hoje ser um gênero bastante apreciado pelo público infantil, inicialmente não eram obras voltadas para crianças, uma vez que eram utilizados como fonte de entretenimento para adultos através de poemas que retratavam “amores, estranhos, fatais e eternos” (JUVINO, 2010, p. 15). Ou seja, a princípio os contos de fadas tinham a intenção de através de suas histórias, do maravilhoso, responder a alguns dilemas existenciais daquela época que sempre fizeram parte do humano.

Os contos de fadas são de origem celta, cujos vestígios mais remotos provêm de séculos antes de Cristo e, a partir da Idade Média, foram assimilados por textos de fontes europeias, ficando-nos praticamente impossível a tarefa de resgatá-los na sua forma "pura", talo amálgama de fontes que se fundiam nas narrativas recolhidas. (PAIVA, 1990, p. 20)

Porém como ressalta Paiva, apesar de se acreditar que esses contos surgiram da cultura celta, não se pode precisar como eles eram puramente, “na íntegra”, pois com o passar do tempo essas histórias foram sendo recontadas.

Feito esse apanhado sobre o legado Celta dos contos de fadas, é importante entender que esses contos foram propagados ao longo do tempo; quanto a isso Paiva (1990) destaca que os contos de fadas, por possuírem um caráter popular e por pertencerem à oralidade popular, foram contados de diversas formas, em diversas regiões sofrendo alterações devido a cada especificidade, da cultura de cada região por onde foram difundidas essas histórias.

O conto Chapeuzinho Vermelho, apesar de se fazer presente em nossos dias, possui uma origem antiga, foi recolhido da oralidade popular inicialmente por Charles Perrault, porém devido a seus traços e características esta obra atravessou gerações, resistindo ao tempo e tornando-se um clássico da literatura infantil, ganhando diversas versões e mesmo recriações ao longo do tempo. Esse conto possui muitas versões, e apesar de todas elas contarem a história da Chapeuzinho Vermelho, algumas se diferem entre si, seja em um detalhe mínimo ou no desfecho. “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque, é uma das versões dessa história, onde há até mesmo a ausência de alguns personagens (Vó e Mãe), isso ocorre porque cada uma possui uma peculiaridade, uma marca do autor que a escreveu. “As histórias de fadas trazem em suas tramas, de modo simbólico, os dilemas existenciais tais como o amor e ódio, a juventude e a velhice, o desejo de vida eterna; a morte e a vida” [...] (SILVA; BORTOLIN, 2011, p. 27), sendo assim cada versão ganha elementos próprios que foram captados pela lente de quem escreveu e isso se difere devido à forma que cada pessoa enxerga o mundo, a vida, e todos esses “dilemas existenciais”.

A maioria das versões de Chapeuzinho conservam a mesma essência, a história da menininha que vai ao encontro de sua avó doente com alguns alimentos e encontra o lobo mau no caminho da floresta, o encontro com o lobo geralmente é o momento da história em que ocorrerá o desfecho, porém esse final da história, como já mencionado acima, distingue-se, dependendo de quem escreve.

A partir dessa contextualização, apresentamos o tema da pesquisa realizada, a saber, “Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, diálogos, leitura e escrita com crianças em processo de alfabetização”, que buscou analisar versões de Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo a partir dos diálogos construídos com as crianças em processo de alfabetização, no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal de Vitória (ES). As crianças, sujeitos da pesquisa, foram compreendidas como sujeitos leitores e produtores de textos, ou seja, como sujeitos inseridos no processo complexo de produção de sentidos e de posicionamento discursivo no mundo.

Organizamos três momentos de atividades, porém, para essa ocasião, no presente texto, realizaremos um recorte no terceiro momento, onde pedimos aos alunos que produzissem textos a partir da leitura de Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo, desse modo, e a partir dos textos produzidos pelas crianças que se dará nossa discussão no presente texto. O estudo foi feito por meio de observação participante. Utilizamos como instrumento de produção de dados, além das atividades, registros por meio de fotografia, gravação, além de registro feito em caderno de campo.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar versões de Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo a partir dos diálogos construídos com as crianças em processo de alfabetização, no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal de Vitória (ES).

A questão problema que move a pesquisa é: Como é possível mediar junto às crianças, a partir dos diálogos que estabelecem com as obras literárias infantis (no nosso caso, Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo), a compreensão e análise de elementos constitutivos das narrativas, tanto em sua dimensão verbal, quanto imagética?

O estudo realizou uma análise das obras que foram lidas com as crianças a partir dos diálogos estabelecidos com as próprias crianças, ou seja, a pesquisa não realizou apenas a leitura das histórias de modo solto, mas foram ouvidas e privilegiadas as falas e posicionamentos das crianças como leitores e como produtores de textos, uma vez que que, além de analisarem as versões da história, elas produziram sua própria versão, o que contribuiu positivamente no processo de escrita e leitura desses sujeitos.

Além disso, o estudo nos ajudou a compreender e pensar formas de trabalhar a leitura e escrita com as crianças, uma vez que elas foram ouvidas, foram registrados e analisados os diálogos, realizamos atividades a partir da leitura das histórias. Isso nos possibilitou refletir

sobre como realizar o trabalho com a leitura e a escrita por meio da literatura, no nosso caso os contos de fadas.

O texto está organizado nos seguintes tópicos: “As noções de Enunciado e Diálogo em Bakhtin“, onde trataremos para o diálogo a perspectiva de linguagem em Bakhtin e o ciclo a partir das noções de Diálogo e Enunciado, também nos apoiaremos nas contribuições dos estudos de Beth Brait. No tópico “Reescrevendo Chapeuzinho“, apresentaremos os textos produzidos pelas crianças a partir da leitura dos contos, desenvolvida em sala de aula. Por fim, no tópico “considerações finais“ procuramos refletir sobre os resultados da pesquisa no processo de aprendizagem das crianças, tal como procuramos refletir em que medida eles ajudam a pensar formas de trabalhar a literatura com crianças em processo de alfabetização.

2 AS NOÇÕES DE ENUNCIADO E DIÁLOGO EM BAKHTIN

Para aprofundamento teórico de nossas análises, tomamos como base, dois conceitos do autor Mikhail Bakhtin sendo eles: Enunciado e Diálogo. Também buscamos amparo nas reflexões de Beth Brait e seu grupo de estudo sobre esses conceitos, a partir das seguintes obras, Bakhtin: Conceitos-Chave (2005) e Bakhtin: Outros Conceitos-Chaves (2006), ambas organizadas por Beth Brait colaboraram na compreensão dos conceitos.

A opção por este autor para embasamento teórico da pesquisa se deu pela forma que o mesmo concebe a linguagem, como interação verbal, social, cultural e histórica e como tais interações se dão em um determinado contexto e como isso caracteriza e tem implicações nos diálogos tecidos pelos sujeitos.

É interessante ressaltar que para além do próprio Bakhtin, o grupo de estudos denominado “Círculo de Bakhtin” era composto por demais estudiosos que também tinham contribuição nas reflexões e obras produzidas, sendo assim contaremos nesses estudos com o apoio teórico de Bakhtin e seu círculo.

2.1 ENUNCIADO

As noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano, justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural, e social que inclui para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. (BRAIT; MELO, 2005, p. 65).

Ou seja, a linguagem sendo concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social está diretamente ligada às atividades (ações) humanas, que também se dão também em uma dimensão histórica, social e cultural. “O Enunciado concreto, nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação.” (BRAIT; MELO 2005, p. 68)

Na construção de sentido dos enunciados estão presentes o Locutor e o Interlocutor, que formam a situação “interlocutiva”, ambos possuem papel ativo, na relação de construção do Enunciado, pois esses estabelecem uma interação através do diálogo que constituem.

[...] O enunciado é definido como compreendendo três fatores: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela etc.), (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação. (BRAIT; MELO, 2005, p. 67).

Assim, o enunciado representa muito mais do que simplesmente está estabelecido em fatores especificamente linguísticos, uma vez que a interação entre locutor e interlocutor e também os contextos em que se constroem implicam diretamente na produção de sentidos e na significação desses enunciados. Quanto a isso, Brait e Melo (2005), com base em Voloshinov e Bakhtin (1976), esclarecem:

[...] A situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separadas desse contexto, perdem quase toda sua significação - uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá esses enunciados. (BRAIT; MELO, 2005, p. 67)

Ou seja a situação “extraverbal” (contexto social), que está além da língua, é parte viva do Enunciado e dela depende a compreensão do mesmo, pois o Enunciado não ocorre separado da vida! Exemplo disso são os textos escritos pelas crianças nesse estudo, os elementos de alguns dos textos não seriam compreendidos por alguém que estivesse fora do contexto, pois foram pensados devido aquele momento de interação e isso constitui também o texto.

2.2 DIÁLOGO

Bakhtin não se preocupa com uma noção estrutural de diálogo, mas concebe diálogo relacionado a interação social, atravessado pelo contexto histórico e social. Os diálogos, assim como os gêneros carregam marcas da história e tempo em que estão inseridos, “[...] Não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam dada cultura, uma dada sociedade” (BRAIT, 2006, p. 118). Bakhtin concebe a linguagem como sendo dialógica, pois, segundo esse autor, a interação verbal se dá em uma alternância de vozes, de forma dialógica (BRAIT, 2006, p. 117).

O diálogo é a alternância de enunciados que são únicos carregados de valores sociais históricos e posicionamentos, assim sendo não pode haver separação entre Enunciado e Diálogo. Essa relação faz dos conceitos de “Enunciado” e “Diálogo” interdependentes. Quanto a isso, Brait, amparada por Bakhtin, esclarece:

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (BRAIT, 2006, p. 116).

Segundo Brait (2006), o diálogo se dá na relação eu e o outro, que ocorre de forma recíproca no que diz respeito às réplicas tecidas entre esses sujeitos em cada enunciado, e é a partir dessas réplicas que os diálogos se constituem a partir de atitudes responsivas, que é o que configura o diálogo.

O diálogo encontra-se dentro de uma situação, de um contexto e esse contexto o influenciará. “A significação do diálogo depende diretamente da situação, que, assim pode-se dizer, também o constitui.” (BRAIT, 2006, p. 120).

3 REESCREVENDO CHAPEUZINHO

A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2018 em uma escola municipal de ensino fundamental, que atende alunos de turmas de 1º ao 9º ano, situada no estado do Espírito Santo no município de Vitória. O estudo foi feito em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, onde a maioria dos alunos tinham entre 6 e 7 anos de idade e estavam em processo de alfabetização. O tempo de duração da minha inserção em campo foi relativo a um

semestre, que equivale a 135 horas na disciplina de “Estágio supervisionado nas séries iniciais do ensino fundamental”.

É importante ressaltar, que a partir da leitura do texto foram realizados três momentos de atividade na pesquisa, a saber: o primeiro momento, onde realizamos a leitura das histórias para as crianças, uma vez que, eles ainda não dominavam a leitura e a escrita, então optamos por realizar a leitura de forma coletiva, nesse momento eu li as histórias para os alunos. O segundo momento privilegiou a discussão e o diálogo sobre as histórias, onde após a leitura, reunimos a turma e escutamos as crianças a respeito de suas impressões sobre cada versão lida, por fim, o terceiro momento, que é o escopo do presente texto, e refere-se a produção de texto a partir da leituras das versões de Chapeuzinho. Assim, nesse texto faremos um recorte, onde apresentaremos a terceira atividade que é produção de texto, onde após ler e dialogar as histórias com as crianças, pedimos que elas produzissem outra versão de chapeuzinho.

Realizamos o movimento de produção dos textos da seguinte forma: Sentamos com os alunos que ainda não dominavam a escrita e questionamos: Como seria a história? Como seria a personagem? Quem faria parte da história e o que aconteceria na história? A partir das respostas, iniciamos a produção dos textos. É importante ressaltar, que essa atividade possibilitou o processo de leitura, através do momento em que eu li as histórias para as crianças. oralidade, no momento dos diálogos estabelecidos a partir da discussão sobre as histórias. escrita/reescrita quando as crianças escreveram suas próprias versões com a mediação tanto minha, quanto da professora, uma vez que, durante a escrita das histórias íamos pontuando a questão da escrita fazendo as devidas revisões. Esse processo de leitura, oralidade e escrita, de certa forma, é o pilar do ensino de língua portuguesa na educação fundamental.

É importante ressaltar que todos os alunos presentes na aula destinada a produção dos textos escreveram suas versões de Chapeuzinho, porém devido ao espaço destinado ao relato dessa experiência não teremos condições de apresentar todos os textos aqui, assim selecionamos três textos a saber: “Chapeuzinho Roxa”, “Chapeuzinho Azul” e “Chapeuzinho Brasil”. Apresentaremos a imagem do texto original, seguido da transcrição para facilitar o entendimento.

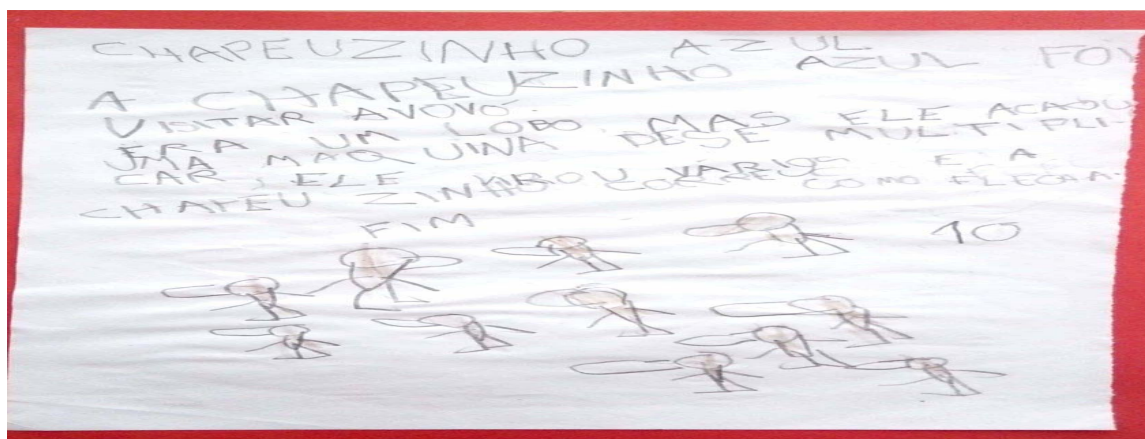


Texto Chapeuzinho roxo
Fonte: Acervo Pessoal

Chapeuzinho Roxo: “Era uma vez Chapeuzinho Roxo, ela morava nos Estados Unido, ela era americana, ela tinha muitos amigos, ela era muito feliz. Ela nunca achou seu homem. Depois de um tempo ela encontrou seu amor e fim”.

O texto acima pertence a uma aluna, que já tinha maior domínio da escrita, então ela própria desenvolveu o texto, precisando da nossa intervenção apenas para questões de ortografia. Podemos perceber que o texto dessa aluna é carregado de ideias, de uma determinada pessoa, de uma dada concepção de felicidade, que provavelmente são elementos do cotidiano e do contexto social vivido pela autora do texto, esse discurso não se dá de forma desconexa, mas é oriundo de um diálogo com outros discursos que permeiam o cotidiano de quem escreveu. “[...] Não existe objeto que não seja cercado, envolto, embebido em discurso, todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras” (BAKHTIN, 1992, p. 319 Apud FIORIN, 2009, p. 152).

O Próximo texto foi produzido por um aluno que até aquele momento, apresentava certa dificuldade no que diz respeito a escrita e leitura, porém, no momento da produção dos textos, mostrou um grande interesse na realização das atividades propostas.

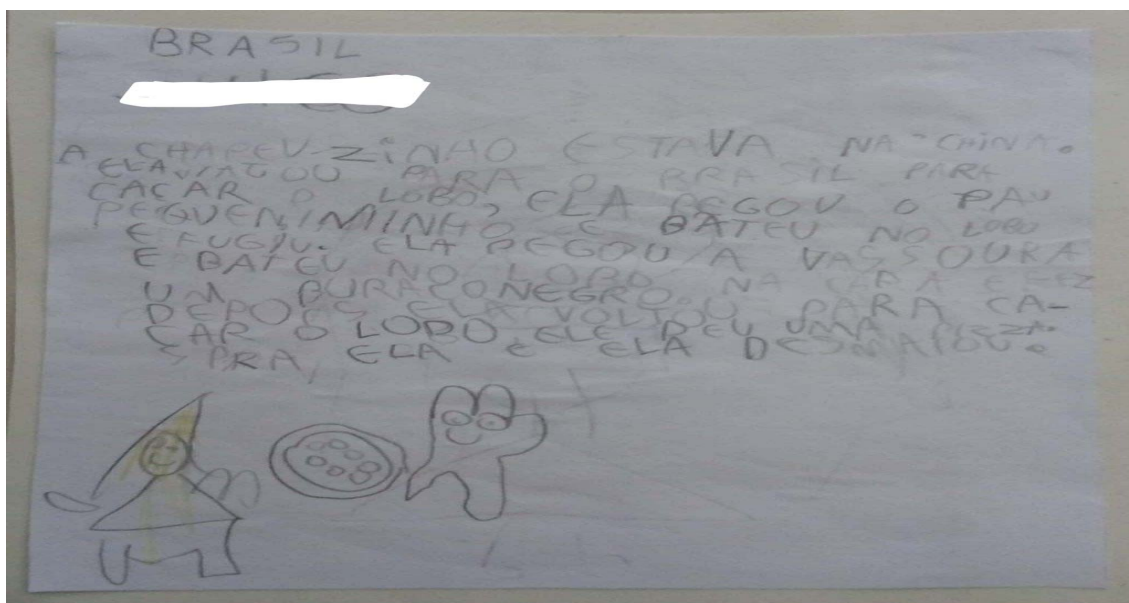


Texto Chapeuzinho Azul
Fonte: Acervo Pessoal

Chapeuzinho Azul: “A Chapeuzinho azul foi visitar a vovó. Era um lobo mas ele achou uma máquina de se multiplicar. Ele virou vários e a Chapeuzinho correu como flecha”

Esse texto foi um dos que mais me chamou a atenção no processo da realização do estudo, pela riqueza de detalhes trazida pela criança, no que diz respeito aos elementos do texto. Elementos como a “máquina de se multiplicar”, e a especificidade no que se refere a velocidade da Chapeuzinho que “correu como flecha” esses detalhes deram sem dúvida um toque especial a esse texto. A minha inserção em campo por meio da disciplina de Estágio me possibilitou ter uma maior aproximação com crianças que participaram do estudo.

Quanto a esse texto, destaco ainda, que a criança no canto da ilustração registrou o número “10”, que não está ali por acaso; como já mencionei, havia uma ansiedade por parte da professora para que as crianças terminassem o texto devido ao tempo, que de fato era corrido no contexto em que estávamos. Então, ao finalizar a história, a criança relatou que: “O lobo se multiplicou, e agora eram 10 lobos”; mas se observarmos, contaremos 11 na ilustração; segundo ele a Chapeuzinho, para fugir do “Exército de lobos”, se camuflou entre eles. Uma pessoa de fora do contexto em que foi produzido o texto, provavelmente não perceberia esses detalhes, mesmo estando eles registrados na ilustração, pois, segundo Brait (2006, p. 120), “A significação do diálogo depende diretamente da situação, que, assim, pode-se dizer, também o constitui.” O meu diálogo e a minha interação com o autor do texto naquele ambiente me possibilitam enxergar o texto em sua riqueza de detalhes.



Texto: Chapeuzinho Brasil

Fonte: Acervo Pessoal

Chapeuzinho Brasil: “A Chapeuzinho estava na China, ela viajou para o Brasil para caçar o lobo, e fugiu. Ela pegou a vassoura e bateu no Lobo na cara e abriu um buraco negro, depois ela voltou para caçar o lobo, ele deu uma pizza pra ela e ela desmaiou.”

No texto acima o que mais me chama a atenção é que a Chapeuzinho é quem caça o lobo, e furiosa ao ponto de deixar no lobo um buraco negro. O texto é rico em detalhes no que se refere a perseguição de Chapeuzinho ao lobo, e o desfecho é de certa forma inesperado e surpreendente. É importante ressaltar que o aluno que escreveu esse texto ficou bastante orgulhoso de sua escrita, pois apresentava a necessidade de socializá-lo com o resto da turma; como ele ainda não sabia ler, me pedia pra que eu lesse o texto para os colegas, que se divertiam com a narrativa que o colega orgulhosamente apresentava.

Quanto ao entusiasmo do aluno de socializar seu texto, Bakhtin esclarece que o enunciado é produzido para o outro “[...] o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.” (BAKHTIN,2006, p.106). Os enunciados nascem das interações sociais entre os indivíduos e é dirigido a um outro conforme salienta o autor:

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social, ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social, se estiver ligada ao interlocutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver

interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio (BAKHTIN, 2006, p. 106).

O aluno não tinha em momento algum a intenção de que o texto ficasse guardado apenas para ele, nem mesmo só pra mim, que o ajudei a escrever, mas senti necessidade que partilhássemos sua produção escrita com o “auditório social próprio e bem estabelecido”, que no nosso contexto era a sala de aula e os colegas. O espaço da sala de aula em que estávamos e a interação com os colegas no momento das produções dos textos propiciaram o aluno socializar seu texto com os amigos (interlocutores).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos o trabalho argumentando sobre o importante papel da literatura (no caso do nosso estudo, o conto de fadas) no que diz respeito ao processo de alfabetização das crianças, no tocante a leitura, oralidade e escrita pelo potencial convidativo que os elementos dessas histórias possuem. Iniciei o projeto para escrita do trabalho tendo como objetivo inicial analisar as versões a partir do olhar das crianças, mas o envolvimento no estudo me proporcionou muito mais, pois através do planejamento e da escolha das atividades tive também a possibilidade de acompanhar as crianças que estão no âmbito da alfabetização produzirem textos a partir das histórias lidas.

Através do movimento de reescrita de uma outra versão das histórias por parte das crianças pude visualizar na prática os argumentos levantados pelos autores da minha revisão de literatura sobre a questão de as histórias carregarem marcas, posicionamentos e valores de quem a escreve e do contexto em que estão inseridas.

Por meio do estudo fizemos os registros dos diálogos estabelecidos com as crianças a partir da leitura de diferentes versões da história de Chapeuzinho Vermelho e da obra Chapeuzinho Amarelo, bem como analisamos a importância e relevância da nossa mediação no processo, pudemos ainda por meio desse trabalho conhecer a apreciação valorativa e as reflexões que as crianças fazem sobre as histórias no momento da leitura de cada versão e no momento de produção de textos sejam ele orais ou escritos, uma vez que a partir de suas falas e produções de texto as crianças deixaram seus posicionamentos sobre cada uma das versões.

Compreendemos ainda como as crianças percebem e pontuam os elementos que diferenciam cada versão da história de Chapeuzinho Vermelho e da obra Chapeuzinho Amarelo, uma vez que através da atividade de comparação e diálogo sobre as histórias as

crianças enfatizaram de forma clara o que percebiam de diferente em cada uma das histórias. Tivemos a oportunidade de junto com as crianças compreender a produção de textos (orais e escritos) como uma das formas de resposta à atividade de leitura de diferentes versões de uma dada narrativa literária, o que proporcionou um norte para o trabalho de leitura e escrita com as crianças em processo de alfabetização, uma vez que o mesmo precisa fazer sentido e não ser apenas uma mera decodificação.

Argumento ainda que o mais importante nesse estudo foi a possibilidade de perceber que o processo de escrita, a produção de textos não ocorre descolada da vida do sujeito, de seu contexto, sua história, e isso é o que faz esses enunciados, os textos e diálogos no nosso caso, 28 únicos, pois os elementos da vida de cada sujeito o compõem fazem parte dele. Pois conforme Brait (2005, p. 68) “O enunciado concreto, nasce, vive e morre no processo de interação social, entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter dessa interação” (Grifos do autor). Entendemos então que a situação “extraverbal” não só acrescenta na construção do enunciado, nas também da significação a este enunciado, fazendo parte de sua estrutura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 193 p. Disponível em: . Acesso em: 02 dez. 2018

BRAIT, Beth et al. (Org.). **Bakhtin Conceitos - Chaves**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.

BRAIT, Beth et al. (Org.). **Bakhtin Outros Conceitos - Chaves**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 263 p.

FIORIN, José Luiz. **Língua, Discurso e Política**. Alea, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 148-165, jan./jun. 2009.

JUVINO, Analice da Silva. **A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno**. Gurabira- PB: [s.n.], 2010.

PAIVA, Maria Beatriz Faciolla. **OS CONTOS DE FADAS: SUAS ORIGENS HISTÓRICOCULTURAIS E IMPLICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS EM IDADE PRE-ESCOLAR**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1990.

ROCHA, Imbrosi Waldyr. **As Várias Histórias de Chapeuzinho Vermelho : Repressão e Moral nos Contos de Fadas**. São Paulo: Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, 2010.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **As diferentes cores de Chapeuzinho**. In: REZENDE, Lucinea Aparecida (Org.). *Leitura infanto-juvenil: abordagens teórico-práticas*. 2011.